
Venezuelanos em Roraima: Uma Análise Sobre o Perfil da Cobertura da Questão Migratória em Dois Jornais Locais¹

Luiza da Silva BODENMÜLLER²
Universidade de São Paulo, São Paulo, SP

Resumo

O presente artigo tem como objetivo investigar a cobertura jornalística da migração venezuelana para o Brasil a partir da análise de 758 notícias publicadas nos dois principais jornais de Roraima: Folha de Boa Vista e Roraima em Tempo, entre janeiro de 2017 e dezembro de 2018. O texto também incita uma reflexão sobre o papel do jornalista enquanto mediador cultural e como as escolhas narrativas podem interferir sobre o processo de integração de migrantes e refugiados. Para tanto, são apresentadas noções sobre identidade, o ofício do jornalista diante do outro, e uma análise crítica sobre as notícias selecionadas, afim de identificar um viés negativo ou positivo diante da questão migratória regional.

Palavras-chave

Migração; Refúgio; Direitos Humanos; cobertura jornalística

1. Introdução

O presente artigo tem como objetivo apresentar uma análise sobre a cobertura dos jornais Folha de Boa Vista e Roraima em Tempo, ambos com sede na capital Boa Vista, em relação ao aumento significativo do fluxo migratório de venezuelanos no Estado de Roraima nos anos de 2017 e 2018. Para tanto, foram consideradas 758 matérias de ambos os veículos, publicadas entre 03/01/2017 e 29/12/2018. Para efetivar a análise, o texto irá trazer um panorama sobre os motivos e as características da migração venezuelana para o Brasil; apresentará uma discussão sobre identidade e alteridade, com base em autores como Hall (2014), Woodward (2014), Bauman (2005, 2017); abordará também a construção de narrativas jornalísticas, utilizando os saberes de Medina (1988, 1986, 2003), Martino (2010) e Kehl (2015); e, por fim, partirá para a análise do objeto propriamente dito, com uma abordagem quantitativa e qualitativa das publicações selecionadas.

¹ Trabalho apresentado no GP Teorias do Jornalismo, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestranda em Ciências da Comunicação na Escola de Comunicação e Artes da USP. Especialista em Política e Relações Internacionais pela Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo. Jornalista com atuação focada nas garantias dos direitos humanos. E-mail: luizabodenmuller@gmail.com.

2. Sobre o fluxo de venezuelanos que chega ao Brasil

O agravamento da crise política na Venezuela, com desdobramentos sociais e econômicos, acabou por gerar um intenso fluxo migratório. Além de outros países latino-americanos, como Argentina, Colômbia e México, o Brasil tem sido um destino preferencial para o contingente de migrantes venezuelanos que deixam suas casas para escapar de uma profunda crise política, econômica e social, e partem em busca de melhores perspectivas ou para preservar sua vida por conta de perseguições de cunho político. De acordo com dados do Alto Comissariado da Organização das Nações Unidas para Refugiados (Acnur) e da Organização Internacional para as Migrações (OIM)³, desde 2015, cerca de 2,7 milhões de venezuelanos deixaram o país em direção a outros destinos. Segundo a Polícia Federal (PF), entre 2015 e outubro de 2018, 85 mil venezuelanos procuraram o posto de fronteira para regularização, sendo que 54,1 mil solicitaram refúgio e 18,9 mil, residência⁴⁵. A PF ainda divulgou dados sobre a entrada de venezuelanos pela fronteira de Pacaraima/Roraima entre 2017 e 2018: foram registradas 176.259 entradas, mas 90.991 (51,6%) migrantes saíram do país⁶.

Em 2017, 17.865 venezuelanos pediram refúgio no Brasil, de acordo com informações do Ministério da Justiça e Segurança Pública⁷. Em 2018, uma média de 5 mil venezuelanos saíram por dia da Venezuela⁸. Ainda que os números totais de 2018 não estejam consolidados pelas autoridades brasileiras, fica evidente o aumento brusco do número de migrantes venezuelanos que chegaram ao Brasil no biênio 2017-2018.

TABELA 1
Número de solicitações de refúgio de venezuelanos no Brasil, por ano⁹

	2014	2015	2016	2017

³ Fonte: <<https://nacoesunidas.org/numero-de-refugiados-e-migrantes-da-venezuela-no-mundo-atinge-34-milhoes/>>. Acesso em: 22 fevereiro 2019.

⁴ Fonte: <<http://www.casacivil.gov.br/central-de-conteudos/noticias/2018/outubro/policia-federal-atualiza-numeros-da-migracao-de-venezuelanos-em-rr>>. Acesso em: 22 fevereiro 2019.

⁵ Os critérios para obtenção de residência serão explicados no decorrer do texto.

⁶ Idem 4.

⁷ Fonte: <http://www.justica.gov.br/seus-direitos/refugio/anexos/refugio-em-nasmeros_1104.pdf>. Acesso em: 22 fevereiro 2019.

⁸ Idem 3.

⁹ Idem 4.

Solicitações de refúgio de venezuelanos no Brasil	201	822	3375	17865
---	-----	-----	------	-------

FONTE: Ministério da Justiça e Segurança Pública, 2017

Para fins de contextualização, vale citar que o status de refugiado - e seu reconhecimento - obedece normas e regras muito claras. De acordo com o Estatuto dos Refugiados, convenção internacional da qual o Brasil é signatário, os refugiados são pessoas que saíram de seus países de origem por conta de conflitos armados, violência generalizada, graves violações de direitos humanos e fundado temor de perseguição por motivos que incluem: raça, religião, participação em grupos sociais, opinião política ou nacionalidade.

Ainda que o termo seja muito bem delimitado, é o Estado receptor quem decide pelo reconhecimento ou não do status, mediante um processo de avaliação. Ou seja, reconhecer uma pessoa como “refugiada” é, antes de tudo, uma escolha política. Diante de situações graves e generalizadas, o Brasil, por meio da nova Lei de Migração, sancionada em maio de 2017, abriu o leque de possibilidades e inclui a possibilidade do visto humanitário como um dispositivo que pode ser acionado em tais circunstâncias. Foi o caso dos haitianos, por exemplo, que por conta dos efeitos devastadores causados pelo terremoto que atingiu o país em 2012, acabaram migrando para o Brasil. Ou dos sírios, que diante da guerra civil também foram acolhidos no Brasil de acordo com esse dispositivo, regulamentado por uma resolução específica. Esses migrantes, por sua vez, têm sua entrada no país desburocratizada e também podem ser considerados refugiados, após análise de casos individuais.

No caso da Venezuela, o Conselho Nacional de Imigração (CNig) não publicou resolução específica para a acolhida de venezuelanos, mas publicou em fevereiro de 2017 a Resolução Normativa Nº 125/2017, que concede residência temporária a estrangeiros, nacionais de países vizinhos, que tenham ingressado no Brasil por via terrestre. A concessão tem prazo máximo de dois anos e contempla os venezuelanos. Essa medida provocou um aumento significativo no fluxo migratório em áreas fronteiriças, em especial na cidade de Pacaraima, em Roraima, que tornou-se uma das principais rotas de entrada de migrantes venezuelanos no país.

Uma pesquisa realizada pelo CNig em parceria com o Acnur¹⁰, trouxe informações sobre o perfil sociodemográfico dos migrantes venezuelanos. A maioria (72%) do contingente é composta por jovens entre 20 e 39 anos; 78% têm um nível educacional equivalente ao Ensino Médio completo e 32% têm curso superior ou pós-graduação; 60% trabalham e 51% recebem menos de um salário mínimo por mês; 58% têm família ou amigos que já residiam no Brasil; e 77% apontam a crise econômica e política como causa da emigração. O estudo cita, ainda que sem quantificar, que uma parcela significativa dos migrantes relatou ter sofrido algum tipo de preconceito de cunho xenofóbico. O documento aborda também a migração de indígenas, especificamente da etnia Warao, que teve um aumento significativo a partir de 2016.

3. Sobre os principais jornais locais de Roraima

Na capital de Roraima, Boa Vista, concentram-se os dois principais veículos de comunicação do Estado e focos de estudo da presente análise: o Folha de Boa Vista e Roraima em Tempo. O primeiro, fundado em 1983, tem circulação diária, está presente em todos os municípios de Roraima e conta com uma tiragem média de 12 mil exemplares, de acordo com informações do próprio periódico. Já o Roraima em Tempo é mais recente e foi lançado em 2013 por Getúlio Cruz (filiado ao PSDB), também como veículo impresso. Com uma tiragem bem mais modesta, de cerca de quatro mil exemplares, o jornal está ligado ao grupo político do senador Romero Jucá (PMDB-RR), que também controla as afiliadas locais da Record e da Rede Bandeirantes.

A proposta deste trabalho não é aprofundar as minúcias da disputa política em Roraima, mas é importante que se diga que os dois jornais rivalizam seus tons. Enquanto o Roraima em Tempo tem uma linha editorial favorável à prefeita de Boa Vista, Teresa Surita (que é ex-mulher de Romero Jucá, que já foi governador de Roraima e senador eleito por seis mandatos consecutivos), o Folha de Boa Vista oscila por posições mais críticas à prefeita e mais favoráveis à ex-governadora Suely Campos (PP-RR, mandato 2014-2018), cujo marido, Neudo Campos, que também é ex-governador, foi impedido de

¹⁰ Fonte:

<http://www.acnur.org/fileadmin/scripts/doc.php?file=fileadmin/Documentos/portugues/Publicacoes/2017/Perfil_imigracao_ven_Roraima_resumo>. Acesso em: 22 fevereiro 2019.

concorrer porque teve sua prisão decretada pelo crime de peculato, em 2016, e é inimigo histórico de Jucá¹¹.

Essa breve contextualização sobre as disputas políticas e também de narrativas de ambos os jornais é relevante para que se entenda de onde cada jornal parte, sob qual óptica esses veículos interpretam a questão migratória no Estado, tendo em perspectiva que a responsabilidade pelo acolhimento é compartilhada entre entes federais, estaduais e municipais. A diferença de cobertura entre o Roraima em Tempo e a Folha de Vista será abordada posteriormente. Antes, faz-se necessária uma breve abordagem sobre a questão da identidade e também da notícia, uma vez que o objetivo desta análise é investigar a cobertura jornalística a fim de identificar a ocorrência de termos que atingem/denigrem/inferiorizam a identidade do outro, aqui representado pelos refugiados venezuelanos.

4. O jornalista diante do outro

O jornalismo é um ofício relacional. É a partir do contato com o outro que o jornalista conta histórias, torna-se autor e mediador social da realidade. Nesse contexto, é primordial substituir, portanto, a noção desumanizadora de “personagem” por “protagonista social”. A primeira referência provoca a reificação, transforma o outro em coisa, em um mero elemento dentro de uma lógica funcionalista do jornalismo, na qual o sujeito é resumido à condição de fonte, um mero instrumento para cumprir uma função da rotina profissional em busca de informação. O contato entre o jornalista e a “fonte” é asséptico, objetivo, impessoal. A percepção do outro como “protagonista social”, por outro lado, embute em si uma outra lógica, na qual o sujeito adquire um lugar de destaque, longe de dogmas, visões medíocres e certezas, regidos por uma concepção positivista do fazer jornalístico. Cremilda Medina (2014), descreve o momento do encontro dialógico entre jornalista e protagonista a partir da construção de uma “interação social transformadora”, pautada pelo “signo da relação”, onde estabelece-se um vínculo sujeito-sujeito, permeado por sensações como a incerteza, o desconhecimento e a dúvida. O contato entre o jornalista e o “protagonista social” é transformador, criativo, desafiador.

¹¹ Em 7 de dezembro de 2018, Antônio Denarium (PSL), que acabara de se eleger ao governo de Roraima, foi nomeado como interventor federal pelo então presidente Michel Temer, em meio a uma profunda crise econômica, social e de segurança no Estado. Neófito em cargos públicos, Denarium foi eleito com 53,34% dos votos e é aliado do atual presidente, Jair Bolsonaro.

Nesta aproximação, o jornalista deve abdicar de sua posição de poder perante o discurso do outro e permitir a formulação de um espaço de troca em que a narrativa ganha corpo a partir do respeito ao lugar de articulação do outro em relação a sua própria identidade e à narrativa que deseja construir para si. Aqui, é importante um aprofundamento sobre a questão do poder. Martino (2010) evoca Homi K. Bhabha e outros autores pós-colonialistas, como Gayatri Chakravorty Spivak e Frantz Fanon, para que nos recordemos que o espaço de formulação do discurso sobre a alteridade é um espaço violento de disputa e de exercício do poder. A partir desta perspectiva, diante de uma prática jornalística regida pela lógica positivista, o jornalista pode assumir um papel de colonizador diante do protagonista.

Nesse contexto, colonizador e colonizado mantêm posições diferentes: o primeiro, figura como “dominante”, e ao segundo, relega-se o lugar de subalterno, ao qual não é dada a oportunidade de expressar sua voz. Para Bhabha, reforça Martino (2010), os espaços de troca cultural estão implicados na dinâmica de disputa de poder. Se o jornalista deixar-se seduzir por esse poder, consciente ou inconscientemente, sua produção será contaminada e o recorte de realidade será prejudicado, uma vez que a compreensão do outro e o respeito à identidade possivelmente não serão alcançados, pois o profissional, funcionando sob esta lógica, dificilmente estará afeto ao encontro com o protagonista social. Martino esclarece:

A formação das narrativas de identidade, explica Bhabha, está ligada diretamente às possibilidades de se pensar esses discursos como elementos definidores de uma identidade -- e, novamente, a definição do “eu” passa por um processo de delimitação comunicativa da realidade. (Martino, 2010, p.105)

Na visão de Cremilda Medina, no entanto, há maneiras de facilitar o encontro entre jornalista e protagonista, de modo que as relações de poder se dissipem, tornando o encontro viável e rico em produção de sentidos: “Sujeito e sujeito (não, objeto) deparam em iguais condições, desfaz-se a hierarquia entre a pergunta e a resposta. Inicia-se um processo de troca confiante em que ambos se alteram”, explica a pesquisadora. A experiência do encontro produz o que Medina (2008) intitula de “a arte de tecer o presente”, cujo caminho a ser percorrido passa, segundo a autora, invariavelmente por quatro frentes: interpretação do “contexto social, protagonismo anônimo, identidade cultural/raízes históricas e diagnósticos e prognósticos especializados” (p.30). Esse percurso é capaz de ampliar a mirada do repórter/jornalista para a complexidade

simbólica do encontro com o outro. A produção de sentidos dentro dessa perspectiva foge à pressa imposta pelo apego à técnica, puramente: para que se alcance a complexidade do outro necessita-se tempo. “A neurose do produzir desemboca no workaholismo, que transforma a condição humana em mero fator de insumo econômico” (MEDINA, 2003, p.57), quando, de fato, “se quisermos aplacar a consciência profissional do jornalista, discuta-se a técnica da entrevista; se quisermos trabalhar pela comunicação humana, proponha-se o diálogo” (MEDINA, 1986, p.184). Para que se construa o terreno fértil para o diálogo é necessário que se estabeleça o signo da relação.

Nesse mesmo sentido, Maria Rita Kehl fala do tempo do homem contemporâneo, pautado pela pressa, pelo tempo do mercado, que atropela processos e afetos. Tal lógica também se faz presente na prática jornalística, em especial na produção de notícia, diante da qual a sensação de urgência e a corrida pelo ineditismo, pelo furo de reportagem, apressa o processo de compreensão do acontecimento e do outro e limita a atenção à complexidade de ambos. Quando abre-se espaço - e, portanto, quando há tempo - para o “diálogo possível” e, portanto, intercultural, há o estabelecimento de uma “interação social criadora”, e é aí onde reside a complexa potência transformadora de um encontro entre jornalista e protagonista social.

Essa forma de interagir com o outro existe a partir da negação do tempo da notícia, regido pela lógica de mercado que pede pressa, rendimento e uma produção que em grande medida é descompromissada com o outro pois atende a interesses outros que não dizem respeito à compreensão. Nessa opção duvidosa, da técnica pela técnica, não há lugar para dedicar-se à escuta atenta e cuidadosa do testemunho do outro, que suplanta o tecnicismo e se apresenta numa outra dimensão de entendimento - e temporal - muito mais sutil e aprimorada. O espectador torna-se um mero voyeur do sofrimento alheio, conforme pontua Susan Sontag (2003): “O outro, mesmo quando não se trata de um inimigo, só é visto como alguém para ser visto, e não como alguém (como nós) que também vê” (p. 752). A prática humanizadora da comunicação é aquela que dá condições para o extravasamento da subjetividade do indivíduo, com um respeito empático aos limites do outro, e que toca temas que mexem com a sensibilidade do outro, como o trauma. É a partir do relato de uma sobrevivente de campos de concentração, por exemplo, que Medina problematiza sobre como “mexer neste domínio privado e intraduzível da dor” pode ser desumano (p. 78). A produção jornalística pautada por rotinas de reduzida

dialogia, portanto, tem um potencial “desumanizador”. Diante deste desafio, Martino (2010) propõe o deslocamento interessante: em vez de o repórter partir da pergunta “Quem é você?” a sugestão é a troca para “Quem você pensa que é?”, construindo um espaço de diálogo para que o sujeito construa uma narrativa sobre si e sobre a realidade. Tal construção não é estática, ela está em constante movimento, permanente transformação, “uma formação descontínua que se constrói em sucessivos processos de desterritorialização e reterritorialização” (Bernd apud Martino, p.34).

Quando falamos de migrantes e refugiados, situamos o discurso sobre um grupo social que é vítima frequente de desconfiança e estranhamento -- comportamentos que geralmente progridem para episódios de preconceito e xenofobia. Diante deste Outro em situação de vulnerabilidade sobre o qual trata esta pesquisa, é importante situar o leitor para aspectos de construção da identidade. Ao longo do texto, adotarei termos como refugiados e migrantes para fazer referência a este grupo social. Nomear, no entanto, é uma escolha que não é isenta. Há uma série de embates sobre como se referir a sujeitos em deslocamento, pois há um peso político-discursivo em como narrar tais histórias. Não aprofundarei o peso de cada escolha neste texto, porém esclareço que utilizarei os termos “migrante” e “refugiado” para designar pessoas que foram vítimas de deslocamento forçado a partir de seu país de origem, no caso, a Venezuela.

5. Sobre a construção da identidade

Autores ligados ao campo dos Estudos Culturais, como Woodward (2014), Silva (2014) e Hall (2014), teorizam a construção de identidades. Segundo Woodward (2014), a identidade e a diferença estão intrinsecamente ligadas, a primeira só existe a partir da marcação da segunda. Diz a autora: "Essa marcação da diferença ocorre tanto por meio de sistemas simbólicos de representação quanto por meio de formas de exclusão social" (p.40). Silva (2014) acrescenta que ambas as categorias são ativamente produzidas social e culturalmente. Hall (2014) corrobora esta ideia, complementando que a construção de identidades se dá dentro de um discurso que é produzido em "locais históricos e institucionais específicos, no interior de formações e práticas discursivas específicas, por estratégias e iniciativas específicas" (Hall, p. 109). Bauman (2005), por sua vez, alerta que a identidade é um conceito que denota contestação. Para este autor, sempre que há identidade, há também uma disputa em campo: "A identidade é uma luta simultânea

contra a dissolução e a fragmentação; uma intenção de devorar e ao mesmo tempo uma recusa resoluta a ser devorado” (p. 83).

As duas categorias em disputa estabelecem uma relação de poder entre si. Conforme explica Silva (2014): “Os pronomes ‘nós’ e ‘eles’ não são, aqui, simples categorias gramaticais, mas evidentes indicadores de posições-de-sujeito fortemente marcadas por relações de poder” (p. 82). O autor recorre às formulações de Jacques Derrida, que argumenta que quando há uma divisão binária, “um dos termos é sempre privilegiado, recebendo um valor positivo, enquanto o outro recebe uma carga negativa” (Silva, p. 83). No caso da dicotomia “nós” e “eles”, o segundo grupo é aquele que receberá a carga negativa citada por Silva: eles, os outros, os estrangeiros, aqueles que não pertencem àquilo que pertencem, que não compartilho aquilo que me caracteriza; é esse grupo que terá sua identidade contestada.

Bauman (2005) aprofunda a questão da disputa identitária dentro da dinâmica das migrações. Segundo a análise do autor, os migrantes ocupam uma situação de “subclasse” no país que os acolheu, onde “têm negado o direito à presença física dentro de um território sob lei soberana, exceto em ‘não lugares’ especialmente planejados, denominados campos para refugiados ou pessoas em busca de asilo a fim de distingui-los do espaço em que os outros, as pessoas ‘normais’, ‘perfeitas’, vivem e se movimentam” (p.46). É nessa dinâmica que forma-se o contingente de “pessoas rejeitadas”, conceito explorado anteriormente. Rejeitadas por serem diferentes, por serem estranhas, por serem estrangeiras. Bauman (2016) segue sua análise argumentando que a coexistência com a diferença é um fator que gera ansiedade. O contingente de refugiados acaba por gerar um estranhamento nos países de acolhida, o confronto entre as identidades de quem migra e de quem recebe o migrante transborda em situações de preconceito porque, de acordo com Bauman (2016), esse contato evoca medos. A origem desse medo é o desconhecimento sobre o outro, sobre o estranho, conforme explica o autor, “a ignorância quanto a como proceder, como enfrentar uma situação que não produzimos nem controlamos, é uma importante causa de ansiedade e medo” (p. 14).

É nessa dinâmica de atrito entre identidades, entre a resistência de ser “devorado” e o ímpeto de “devorar”, num ambiente que propicia o encontro entre estranhos, que está imerso o Estado de Roraima a partir da chegada dos venezuelanos. Há muitas histórias de

acolhimento bem sucedidas, é bem verdade, mas também há histórias de xenofobia e preconceito. Nesse contexto, a imprensa tem um papel fundamental para informar, educar e contribuir para a erradicação de preconceitos. Antes de partir à análise das reportagens coletadas, é necessário apresentar um panorama sobre a formulação da notícia no Jornalismo a partir da perspectiva da construção do "diálogo possível", proposto por Cremilda Medina. O que se percebe na abordagem das reportagens sob análise neste trabalho é que a maior parte delas opera sob a lógica do mercado, na qual não há espaço para a compreensão do outro em sua complexidade. O resultado disso é um produto final, a notícia, que enxerga os migrantes como “pessoas redundantes”¹², conforme definiu Bauman.

6. Sobre a análise das reportagens

A partir dos conceitos e ideias apresentados até então, parte-se para a análise das reportagens selecionadas. Como dito na introdução deste trabalho, foram analisadas 758 matérias de dois veículos de Roraima, Folha de Boa Vista e Roraima em Tempo, publicadas entre 03/01/2017 e 28/12/2018. Foram levados em conta critérios como: ocorrência de palavras negativas direcionadas a venezuelanos, tanto no título como no corpo da notícia; a abordagem das reportagens em relação à questão migratória; a tendência positiva ou negativa de cobertura a partir da análise do título da reportagem.

TABELA 2
Distribuição das notícias analisadas por veículo

Veículo	Número de notícias	Porcentagem
Folha de Boa Vista	524	69,10%
Roraima em Tempo	234	30,90%

Inicialmente, a análise se debruçou sobre as manchetes utilizadas por ambos os jornais. Ficou muito evidente que o jornal Roraima em Tempo, mesmo com uma amostragem de matérias menor que a Folha de Boa Vista, tem uma abordagem marcadamente pejorativa em relação à questão dos venezuelanos. O que caracteriza essa abordagem negativa é o uso da identidade "venezuelano(s)/venezuelana(s)" associada à

¹² Bauman (2017) define “pessoas redundantes” como aquelas que são “localmente ‘inúteis’, excessivas ou não empregáveis, em razão do progresso econômico; ou localmente intoleráveis, rejeitadas por agitações, conflitos e dissensões causados por transformações sociais/políticas e subsequentes lutas por poder”.

notícia como se a nacionalidade fosse a causa de um delito ou de um problema que afeta a sociedade de maneira drástica. Cito duas manchetes, uma de cada veículo, a título de exemplo: "Venezuelanos assaltam casa de comerciante brasileiro em Pacaraima e levam R\$ 24 mil", do Roraima em Tempo, e "Migração de venezuelanos faz casos de malária disparar em Roraima", da Folha de Boa Vista.

Em ambas as manchetes citadas, o migrante é tido como o causador de alguma perturbação. Coloca-se portanto, o migrante venezuelano na categoria de "pessoas indesejadas" (Bauman, 2017). Na análise total das manchetes, identificou-se a abordagem negativa das manchetes em 342 ocorrências na Folha de Boa Vista, o que corresponde a 65,26% do total das reportagens deste jornal, e 166 no jornal Roraima em Tempo, o que corresponde a 70,94% das matérias analisadas deste jornal. Percebe-se, a partir desse levantamento, que o Roraima em Tempo opera sob a lógica dicotômica, colocando os brasileiros (nós) em oposição direta aos venezuelanos (eles/outros), por vezes até de maneira agressiva. Ao final da análise serão apresentadas algumas manchetes de ambos os veículos para dar a dimensão sobre o tom utilizado.

Essa abordagem também se reflete nos trechos de entrevistas com roraimenses publicadas nas matérias. Perpétua Dias é professora e foi entrevistada a respeito da concessão de aluguel social para migrantes venezuelanos em situação de rua. Disse ela ao repórter: "Não sou contra nacionalidade nenhuma, mas não temos emprego, educação, saúde e moradia dignas. A situação deles não está boa, mas a nossa está pior". Ou então como disse, em tom alarmista, o advogado Abhner Santos: "A crise hoje se instalou no nosso Estado também por conta dessa entrada desenfreada e nós percebemos também que a infraestrutura da cidade não comporta essa demanda toda que está crescendo cada vez mais". Ou ainda a repercussão sobre um caso no qual um motorista tentou pagar com bolívar uma venezuelana que limpou o vidro do carro numa parada no farol. A atitude foi publicada como uma "brincadeira" pelo jornal, que reproduziu a reação do homem diante da recusa da venezuelana: "Não quis o bolívar, viu?! Venezuelano é foda".

Sobre a ocorrência de palavras, há um equívoco recorrente de classificar todo o contingente de migrantes enquanto refugiados. Como explicado anteriormente, o status de refúgio é concedido apenas em casos específicos, que não correspondem à totalidade dos casos, como os jornais deixam a entender. A nuvem de palavras, exibida abaixo,

Com o objetivo de tornar mais clara a leitura de outros termos recorrentes, estes seis citados anteriormente foram retirados da projeção em forma de nuvem de palavras. A ocorrência significativa de palavras como "Polícia" e outras relacionadas a entes públicos, como "Federal" (Polícia Federal/Governo Federal), "Exército"¹³, "Ministério" e "Governo", por exemplo, mostram quais instâncias e atores estão sendo acionados para lidar com a questão migratória. Nota-se também a ausência de palavras com valores positivos como "acolhimento" e "integração", por exemplo. Por outro lado, há uma abundância de termos negativos, como "morte", "preso", "sarampo", "assalto", entre outros.

A análise das ocorrências e repetições de palavras com caráter negativo e/ou pejorativo, dá o tom do tipo de cobertura que foi construída pelos veículos durante o recorte de tempo escolhido. Isso, aliado à leitura integral dos textos mostra que a vinda de venezuelanos para Roraima é tratada sobre o viés do estranhamento, do choque entre identidades que, por vezes, adquire um caráter notadamente xenofóbico. Os jornais Folha de Boa Vista e Roraima em Tempo dedicaram, durante o período analisado, um percentual ínfimo (menos de 5%) de seu espaço a matérias que tinham como objetivo contextualizar a situação dos migrantes venezuelanos a partir de uma perspectiva humanizadora, que transpusesse questões identitárias, o "nós" contra os "eles" e oferecesse ao leitor subsídios para alcançar a subjetividade do outro (venezuelano) para que se construísse uma relação social harmoniosa. A associação do termo "venezuelano" a características negativas, seja por crimes cometidos ou doenças diagnosticadas entre venezuelanos (como uma criança que foi diagnosticada com difteria) abre uma margem de entendimento perigosa e coloca o migrante como "origem" do problema, como se doenças, criminalidade e outras mazelas fossem exclusividade dos venezuelanos e fossem "inéditas" entre brasileiros.

A análise das reportagens alerta para a necessidade de um aprofundamento de cobertura da questão migratória em Roraima, especialmente porque o Estado é a principal porta de entrada deste fluxo migratório e é o primeiro contato dos migrantes com os brasileiros. Para além de causar uma "boa impressão", uma mudança profunda na abordagem e no olhar particular sobre esses migrantes, teria o papel de promover uma maior integração e difundir valores como respeito e empatia, tão necessários no

acolhimento de um contingente que busca um destino para se ver livre de sofrimentos - e não tornar-se vítima.

7. Caminhos possíveis

Ninguém se torna refugiado por vontade própria ou por acaso: há uma série de fatores e vulnerabilidades expressas que forçam as pessoas a deixarem seus lares, a reconstruírem suas histórias em outros lugares, muitas vezes distantes da terra natal. O deslocamento forçado, por si só, já é gerador de sofrimento profundo naquele que migra. O país receptor tem papel central no acolhimento e integração de migrantes e refugiados. É por meio deste acolhimento que os migrantes encontrarão meios e espaço para ressignificar a sua história em um cenário diverso.

Nesse contexto, a imprensa e o jornalismo (personificado no papel do jornalista), tem função primordial na intermediação da sociedade. É por meio de narrativas jornalísticas, notícias e reportagens construídas de forma digna e respeitosa que locais e “estrangeiros” identificarão pontos de adesão e empatia. A responsabilidade, claro, é compartilhada com a sociedade, entes públicos, organizações da sociedade civil e demais atores envolvidos no processo de integração e acolhimento.

É de responsabilidade exclusiva do jornalista, no entanto, não ser leviano ou irresponsável com a história do outro. A partir do momento que a cobertura de um tema tão sensível como a migração, toma rumos questionáveis, com um viés pejorativo e agressivo contra migrantes, um sinal de alerta deve soar. Dentro do escopo da mediação social, o jornalismo tem a oportunidade de suscitar debates e influenciar profundamente a opinião pública. Quando isso é feito de maneira enviesada, há um risco real que recaia sobre os grupos mais vulneráveis -- como é o caso de migrantes e refugiados.

No caso dos venezuelanos em Roraima, houve diversos episódios de violência explícita: brasileiros expulsaram migrantes de abrigos, incendiaram pertences e fizeram protestos contra a presença de venezuelanos na região. A violência não é passível de relativização, mas sim de veemente condenação. Há que se contextualizar os fatores que levaram ao extremo, por certo, mas há também que se criar uma nova narrativa que tanto condene tais atos como promova o entendimento e a compreensão afetiva entre “nós” e

“eles”. A partir do momento em que episódios truculentos ganham espaço, devem ganhar espaço também os esforços para desconstruir narrativas aniquiladoras do outro, que veem migrantes e refugiados como inimigos ou indesejados.

Investir em abordagens que se proponham a construir o “signo da relação” por meio da “interação social criadora” e do “diálogo possível”, são trilhas valiosas para os jornalistas envolvidos em coberturas cujo “protagonista social” está em situação de vulnerabilidade. As narrativas construídas a partir desta lógica que são capazes de construir laços de afeto e empatia, e desconstruir preconceitos e intolerância contra pessoas ou grupos sociais, e devem sempre ser a primeira opção de cobertura de qualquer jornalista ou veículo.

Referências

BAUMAN, Zygmunt. **Estranhos à nossa porta**. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2017.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

GOMES, Mayra Rodrigues. **Comunicação e identificação**: ressonâncias no jornalismo. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2008.

KEHL, Maria Rita. **O tempo e o cão**: a atualidade das depressões. 2. ed., [4. reimpr.]. - São Paulo: Boitempo, 2015.

MARTINO, Luís Mauro Sá. **Comunicação & Identidade**: quem você pensa que é?. São Paulo: Paulus, 2010.

MEDINA, Cremilda. **Notícia, um produto à venda**: jornalismo na sociedade urbana industrial. 2. ed. São Paulo: Summus, 1988.

_____. **Modo de ser, Mo'dizer**. 1986. Tese (Doutorado) - Escola de Comunicação e Artes (ECA/USP). São Paulo, 1986.

_____. **A arte de tecer o presente**: narrativa e cotidiano. 2. ed. São Paulo: Summus, 2003.

_____. **O signo da relação**: comunicação e pedagogia. São Paulo: Paulus, 2006.

MELO, José Marques de. **Teoria do jornalismo**: identidades brasileiras. São Paulo: Paulus, 2006.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Tomaz Tadeu Silva (org). Stuart Hall, Kathryn Woodward. 15 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

SONTAG, Susan. **Diante da dor dos outros**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.